

Ensaio e ciência: contextos e subentendidos de *Os parceiros do rio bonito*, de Antonio Candido¹

Luiza Franco Moreira²

Abstract: *Os parceiros do Rio Bonito*, by Antonio Candido, is a classic of the social sciences in Brazil, yet it does not fit easily within the parameters of the São Paulo school of sociology. This paper discusses the relation of *Parceiros* to multiple contexts: Candido's reliance on *The German Ideology* and mid-twentieth-century anthropology, his critical response to easily recognizable representations of the São Paulo countryside, together with the echoes of Mário de Andrade's research on folklore on this work. It proceeds to discuss the place of *Parceiros* in Antonio Candido's overall intellectual trajectory. From the 1960s on, Candido sought to develop an "integrative criticism," working predominantly with the essay form. *Parceiros*, together with the equally influential *Formação da literatura brasileira*, belong to an earlier moment in his career, when Candido presented his arguments more systematically, developing them mostly within the accepted boundaries of academic disciplines.

Keywords: Antonio Candido; *Parceiros do Rio Bonito*; São Paulo school of sociology; essay; Adorn.

Resumo: *Os parceiros do Rio Bonito* é um clássico das Ciências Sociais no Brasil, mas não se ajusta com facilidade aos parâmetros da sociologia uspiana dos anos 60. Este trabalho discute *Parceiros* em relação a múltiplos contextos: suas referências à *Ideologia alemã* e à antropologia dos anos 50, sua resposta crítica a representações culturais familiares da vida paulista, e suas afinidades com os estudos de folclore de Mário de Andrade. Ao prosseguir, discute o lugar deste livro no desenvolvimento da obra de Antonio Candido. A partir dos anos 60, Antonio Candido se dedica a desenvolver uma "crítica integradora", trabalhando principalmente com a forma do ensaio. *Parceiros*, junto ao também clássico *Formação da literatura brasileira*, ilustra um momento anterior de sua carreira, quando Candido se dedicava à exposição mais sistemática de seus argumentos, trabalhando dentro dos limites mais aceitos das disciplinas acadêmicas.

Palavras-chave: Antonio Candido; *Parceiros do Rio Bonito*; sociologia uspiana; ensaio; Adorno.

1 Uma versão inicial deste trabalho foi apresentada como comunicação no congresso da BRASA XII. Agradeço ao público presente por comentários e perguntas, e ainda aos organizadores do simpósio. Devo a Ana Paula Pacheco a leitura de uma versão preliminar, e a Dale Tomich devo várias leituras e sugestões, inclusive de bibliografia. Agradeço por fim aos alunos com quem venho discutindo há anos a obra de Antonio Candido, na Universidade de São Paulo e em algumas outras. Entre estes, Betina Leme e Marina de Sá contribuíram diretamente para a elaboração deste texto.

2 Professora Titular de Literatura Comparada - Binghamton University, EE.UU.

Em 1964, é publicado *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, livro hoje reconhecido como um clássico das Ciências Sociais no Brasil e que, entretanto, não se ajusta com facilidade às expectativas sobre este gênero de trabalho acadêmico. Há poucos anos, em 2010, saiu nova edição de *Parceiros*. Bem cuidado e atraente, este volume inclui material gerado durante a pesquisa de campo, que antes não havia sido publicado, como fotografias e facsímiles de anotações manuscritas. Esta nova edição põe à mostra o esforço de pesquisa por trás do produto acabado. Desperta, mesmo, alguma curiosidade, ou desejo de compreender os contextos da atividade do autor. Oferece, assim, uma oportunidade para voltar a refletir acerca da obra de Antonio Candido como cientista social e o seu lugar na carreira do crítico.

Como o autor explica no prefácio da primeira edição, o livro coincide substancialmente com a tese de doutoramento em sociologia que havia defendido em 1954:

[Este trabalho] sai como foi apresentado, salvo correções de forma, uma ou outra ampliação, algumas retificações sugeridas pelos arguidores e a subdivisão mais racional das partes. (CANDIDO, 2010, p. 13)

Parceiros do Rio Bonito costuma ser discutido em sua relação com a sociologia crítica uspiana dos anos 1960, e de fato a sua data de publicação parece sugerir que é esse o seu contexto.³ Talvez o prefácio de Candido para *A Condição de sociólogo*, de Florestan Fernandes, tenha contribuído para consolidar tal impressão. Neste texto, que transborda de afeto e admiração, Candido enfatiza que ele e Florestan foram “companheiros de trabalho, dia a dia, durante uns quinze anos” e que guardavam, ainda no final dos anos 70, “uma intimidade sem reservas”. (CANDIDO, 1978, p. VII)⁴

Entretanto, e apesar de evidentes afinidades entre as referências intelectuais de Candido e as dos sociólogos paulistas, quero propor que *Parceiros* toma uma direção divergente daquela que hoje associamos à produção em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo nos anos 60. Por outro lado, o leitor que já percorreu a obra crítica de Antonio Candido reconhece no livro fortes ressonâncias literárias. A abordagem dupla de *Parceiros* proposta aqui, como um trabalho original nas Ciências Sociais que ao mesmo tempo responde a referências literárias, chama atenção para alguns traços característicos da interdisciplinaridade que marca a obra de Candido como um todo. Por isso, permite retomar de um ponto de vista novo as interpretações que vêm *Parceiros* como um ensaio, propondo uma continuidade entre este livro e a tradição ensaística brasileira, que precederia as investigações mais propriamente científicas da sociologia acadêmica ou, ainda, a opinião persistente de que Antonio Candido se dedica a uma sociologia da literatura.

O foco de *Parceiros do Rio Bonito* recai sobre a cultura rural tradicional no interior de São Paulo e Minas - a “cultura caipira”, específica Antonio Candido - e as mudanças que esta sofre com o processo de industrialização em curso nos meados do século XX. Em sua abordagem, Candido combina as perspectivas da etnografia, da sociologia e da pesquisa histórica. Encontra as bases para a reconstrução cultural em uma pesquisa de campo realizada entre 1948 e 1954, aliada ao exame de fontes históricas. Ao discutir a dieta caipira, por exemplo, apresenta a observação de que nos anos 1950 esta se apoiava em uma tríade: feijão, milho e mandioca. Para acrescentar uma dimensão histórica, cita documentos a respeito da dieta do paulista antigo, em que já se mencionam os mesmos

3 Ver a este respeito os trabalhos de Ana Carolina Vila Ramos dos Santos (2011) e Luiz Carlos Jackson (2011).

4 Ver também a coletânea de ensaios sobre Florestan organizada por Candido como homenagem à memória do amigo, *Lembrando Florestan Fernandes* (1996).

alimentos. Assim, o *Regimento* de dom Rodrigo de CastelBlanco, que versa sobre as entradas à busca de ouro e prata, inclui instruções sobre a alimentação:

Toda a pessoa de qualquer qualidade que seja que for ao certão a descobrimentos será obrigado a levar milho, efeitão emandioca, para poder fazer plantas e deixa-las plantadas, porque com essa diligência se poderá penetrar os certoens, que sem isso é impossível. (CANDIDO, 2010, p. 61)

Os paralelos entre os dados da pesquisa de campo e os das fontes históricas permitem a Candido concluir que há séculos a dieta do caipira se estabilizou.

É justamente na alimentação que Antonio Candido encontra o ponto de partida para a reconstrução cultural mais ampla. Vê nesta o elemento mediador entre o grupo e o meio-ambiente. Após estabelecer qual é a dieta caipira, Candido investiga ainda como são obtidos os alimentos, quais os ritmos do calendário agrícola, e como a caça e a pesca contribuem com proteína para a alimentação. À medida que se desdobra a descrição etnográfica, o foco se move para temas mais especificamente sociológicos. Candido agora reconstrói as redes de solidariedade que ligam as famílias umas às outras e formam uma comunidade maior de vizinhança, o bairro caipira. Família e bairro se definem através da comida compartilhada, do trabalho coletivo nos mutirões para realizar tarefas necessárias à subsistência, e ainda através das festas em que, de novo, os alimentos tradicionais são compartilhados.

Candido vê a estabilidade da cultura caipira como um equilíbrio de dois mínimos: um mínimo vital que assegura a sobrevivência e um mínimo de sociabilidade que, por sua vez, assegura a persistência do grupo enquanto grupo. Apesar de este equilíbrio haver sido sempre instável, na altura de meados do século XX a crescente urbanização e a penetração de uma economia de mercado no campo tornam insustentável a cultura tradicional. As páginas finais de *Parceiros do Rio Bonito* movem-se desta conclusão para uma defesa vigorosa da reforma agrária:

Aqui chegando o sociólogo, que analisou a realidade com os recursos metódicos de quem visa os resultados objetivos, cede forçosamente a palavra ao político, ao administrador, e mesmo ao reformador social que jaz latente em todo verdadeiro estudioso das sociedades modernas – voltando-se para soluções que limpem o horizonte carregado do homem rústico. (CANDIDO, 2010, p. 257)

O movimento efetuado no parágrafo acima, partindo da investigação metódica e objetiva do cientista social para chegar à intervenção política, de fato lembra o universo da sociologia uspiana dos anos 60. Como bem sabemos em momentos posteriores de suas carreiras Florestan Fernandes e acima de tudo Fernando Henrique Cardoso se dedicaram à vida pública. Apesar disso, não encontramos na argumentação de *Parceiros* as categorias de análise que hoje nos parecem mais características da obra destes cientistas sociais, como o subdesenvolvimento ou o capitalismo dependente. Com efeito, tais categorias vieram a se definir com maior clareza em livros publicados apenas mais tarde, no final da década de 60, como *Dependencia y desarrollo en América Latina*, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto (1969), ou *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1972) e *A revolução burguesa no Brasil* (1974) de Florestan Fernandes.⁵

5 Na introdução para uma reedição de *Mudanças sociais no Brasil*, Florestan Fernandes discute a importância da “problemática teórica da dependência e do subdesenvolvimento” em sua obra mais tardia, a partir dos anos 1960 e na primeira metade dos anos 1970 (FERNANDES, 1979, p. 20).

A coincidência cronológica – o fato de que o livro *Os parceiros do Rio Bonito* também foi publicado nos anos 1960 – deixa na sombra uma mudança de direção na trajetória de Antonio Candido. Quando *Parceiros* vem a público, havia já seis anos que seu autor se afastara da carreira acadêmica em Ciências Sociais para se dedicar aos estudos literários: deixara, em 1958, o cargo em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo para passar a lecionar Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no estado de São Paulo. Ou, como especifica a nota biográfica incluída no final de *Parceiros*, em 1958 Candido “optou definitivamente pela literatura”. Como bem se sabe, até 1958 Candido havia combinado a carreira acadêmica em sociologia com uma produção constante de trabalhos sobre temas literários. Desde os anos 1940 militava como crítico em revistas e na imprensa.⁶ No período em que era professor de Sociologia, entre 1942 e 1958, publicou uma série de antologias de ensaios críticos; obteve ainda o título de livre-docente em Literatura Brasileira em 1945, com *O método crítico de Silvio Romero*. Seu trabalho de história literária, *Formação da literatura brasileira*, reconhecido até hoje como contribuição fundamental, foi publicado em 1959, no ano seguinte ao que começou a trabalhar em Assis (mas foi redigido provavelmente no decorrer dos anos 1950). Estas observações sugerem que Antonio Candido decidiu dedicar-se aos estudos literários e deixou a carreira de sociólogo em um momento anterior àquele em que a sociologia uspiana mais reconhecível veio a se afirmar, já na segunda metade dos anos 1960. A redação de *Os parceiros do Rio Bonito* é mesmo bem anterior a esse momento. Este livro representa, assim, uma direção divergente quanto à perspectiva que mais tarde se tornou hegemônica na pesquisa em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

Ao mesmo tempo, é certo que há semelhanças fundamentais entre o livro de Candido e a produção dos sociólogos paulistas. O prefácio para a primeira edição de *Parceiros* oferece inúmeras indicações sobre o contexto intelectual da obra. Antes de mais nada, ancora o trabalho diretamente naquela instituição, ao fazer repetidas menções a professores e cursos da universidade. As convergências intelectuais também ficam evidentes no prefácio, em especial quando Candido discute os pressupostos teóricos de seu livro. Aponta uma dívida central para com o pensamento de Marx. Encontrou na *Ideologia alemã* o fio a partir do qual começa a reconstruir a cultura caipira. É daí que lhe vem, em suas palavras:

A consciência da importância dos meios de vida como fator dinâmico, tanto da sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelece entre o homem e a natureza, unificados pelo trabalho consciente. (CANDIDO, 2010, p. 14)

A importância de Marx para sua argumentação mostra a que ponto o trabalho de Candido está imerso no universo de referências das Ciências Sociais da Universidade de São Paulo nos anos 1960 – mesmo que o autor não faça referência ao *Capital*, como seria de esperar, e se volte, ao contrário, para a *Ideologia alemã*.

Entretanto, à medida que Candido continua a discutir outras dívidas intelectuais, as afinidades com a sociologia uspiana não se acham mais tão evidentes. O autor se dirige antes ao campo da Antropologia, fixando-se no trabalho de contemporâneos mais ou menos próximos. Dois antropólogos de renome nos anos 50 recebem bastante atenção: o norte-americano Robert Redfield (1897-1958), por sua concepção de que há um contínuo entre a cultura rural e a urbana, e a inglesa Audrey Richards (1899-1984), por seus estudos de alimentação

6 Ver a coletânea *Textos de intervenção*, organizada por Vincius Dantas (CANDIDO, 2002).

e estrutura social entre os bantu e os bamba, baseados em meticulosa pesquisa de campo.⁷ Candido menciona também os reconhecidos mestres da antropologia – mas o faz de maneira curiosamente restritiva. Sua dívida para com o “lúcido, embora simplificador funcionalismo de Malinowski” é indireta, esclarece, nascendo antes do interesse por Audrey Richards. As observações sobre troca e reciprocidade feitas durante a pesquisa de campo “foram interpretadas em parte graças à leitura” das *Estruturas elementares do parentesco*, de Claude Lévi-Strauss, “antigo professor da universidade de São Paulo”. (CANDIDO, 2010, p. 14)

Neste prefácio, Candido discute ainda suas dívidas com autores brasileiros. Estas referências nos levam para o lado mais literário de *Parceiros*, mostrando que em parte sua argumentação se articula como uma resposta crítica a representações familiares da vida paulista, que eram correntes na época mas que se encontram presentes até hoje e são bem fáceis de reconhecer. Candido aponta, acima de tudo, uma grande dívida para com os livros que o historiador Sérgio Buarque de Hollanda dedica às bandeiras, *Monções e Caminhos e fronteiras*. No decorrer de *Parceiros*, Candido também se refere pontualmente a outros estudiosos das bandeiras, principalmente Oliveira Viana e Alfredo Ellis.⁸ Tomada no contexto da narrativa das bandeiras, prosaica e meticulosamente construída no caso de Sérgio Buarque, mas em outros casos buscando o heróico e o épico, a análise da cultura capira por Antonio Candido apresenta uma visão alternativa, armada de ponto de vista quase oposto. Sua interpretação desta cultura como um equilíbrio entre dois mínimos aparece, quando tomada no contexto das narrativas da expansão bandeirante, como uma história a partir de baixo da devastação ecológica e social deixada por essas expedições.

Outra referência, esta mais puramente literária, pesa bastante para a argumentação do livro. *Parceiros* se empenha em criticar estereótipos do caipira, em especial o Jeca Tatu, criação “injusta, brilhante e caricatural” de Monteiro Lobato (CANDIDO, 2010, p. 92). A polêmica contra estereótipos define, com efeito, um dos temas centrais do livro. Para Antonio Candido, a preguiça aparente do caipira deve ser compreendida antes como “desnecessidade de trabalhar”. Uma larga margem de lazer é, sustenta, fator positivo de integração na cultura caipira. Apesar de ter criado “condições favoráveis a uma larga proporção de subnutridos, presa de verminoses e moléstias tropicais” (como o Jeca de Lobato), este lazer proporcionou também oportunidade para “caça, coleta, pesca, indústria doméstica” no nível da cultura material e para “cooperação, festas, celebrações” no plano das relações sociais; é, assim, um traço definidor do modo de vida caipira (CANDIDO, 2010, p. 102).

Há, por fim, uma referência que parece estar por toda parte em *Parceiros*, mas não fica diretamente mencionada. Parece razoável supor que um dos impulsos que levaram Antonio Candido a estudar a cultura caipira vem da reflexão sobre a obra de Mário de Andrade, que tanta influência teve em várias gerações de intelectuais. Como sabemos, por toda sua carreira Mário se empenhou em estudar e documentar o folclore brasileiro. Um de seus trabalhos, em especial, guarda semelhanças sugestivas com *Parceiros*, o “Samba

7 Candido cita, de Audrey Richards, *Hunger and Work in a Savage Tribe e Land, Labour, and Diet in Northern Rhodesia* (RICHARDS, 1948). Uma discussão recente do trabalho de Redfield se encontra em Eric R. Wolf e Nathaniel Tarn, “Robert Redfield” (WOLF, TARN, 2004). A respeito de Richards, ver a coletânea de ensaios em sua homenagem, *The Interpretation of Ritual*, organizada por J. S. La Fontaine (LA FONTAINE, 1972).

8 Antonio Candido não menciona *Marcha para oeste* (1940) e *O Brasil no original* (1936), de Cassiano Ricardo, que contém ambos, narrativas do bandeirismo. Dada a carga ideológica destes livros, este silêncio é provavelmente crítico. Como Alcir Lenharo (LENHARO, 1986) demonstrou, *Marcha para oeste* é parte integrante do discurso ideológico do Estado Novo. De minha parte, tive ocasião de mostrar que há continuidade entre a imagem do Brasil elaborada na poesia modernista de Cassiano e seu tratamento do bandeirismo; mais ainda, a imagem hierárquica da nação que toma forma na poesia e na prosa deste autor circula mais tarde, entre 1941 e 1945, nos editoriais do jornal oficial do Estado Novo, *A Manhã*, dirigido pelo próprio Cassiano.

rural paulista”. Neste ensaio, recolhido em *Aspectos de música brasileira*, Mário relata observações realizadas na primeira metade da década de 30 de um festejo popular em São Paulo, em que um grupo predominantemente negro improvisa dança, canto e percussão, principalmente durante o carnaval. *Parceiros* compartilha com o texto de Mário o interesse na cultura da população rural na área paulista. Mas há uma ligação ainda mais direta entre os dois trabalhos. No prefácio de 1964, Candido esclarece que seu projeto original havia sido fazer “uma pesquisa sobre a poesia popular, como se manifesta no *Cururu* – dança cantada do caipira paulista”, investigação que foi se expandindo pouco a pouco até resultar no estudo sobre os meios de vida da população rural. (Quanto ao trabalho sobre o cururu, “talvez nunca passe do estado de rascunho”). O projeto inicial de *Parceiros* buscava, assim, retomar um tema análogo ao que antes havia sido explorado por Mário de Andrade.

Em outro livro bem posterior de Antonio Candido, *O discurso e a cidade* (1993), encontramos sinais mais diretos de sua dívida para com Mário de Andrade. O ensaio que fecha esta coletânea, “O poeta intinerante”, discute um poema meditativo de Mário, “Louvação da tarde”. A escolha de incluir este texto no final de *Discurso* sugere que Candido, num momento em que talvez já pensasse encerrar sua carreira, quis prestar homenagem à figura de Mário, assinalando a importância do intelectual modernista para a sua própria obra. Mas o ensaio de 1993 também remete, indiretamente, à preocupação com a cultura. “Louvação da tarde” tem como ocasião uma viagem de automóvel do poeta pelo interior de São Paulo, em direção a uma fazenda. É como se Mário e o crítico que lê este seu poema se encontrassem em um terreno que já haviam percorrido antes, em “Samba rural paulista” e *Parceiros*. Um sinal mais direto de convergência é a referência compartilhada a Cornélio Pires. O poema de Mário de Andrade menciona afetuosamente a figura de Joaquim Bentinho, que, anota Candido sublinha em seu ensaio, na época seria facilmente reconhecido como o “personagem caipira de Cornélio Pires”. Há, por outro lado, várias menções a Cornélio Pires em *Parceiros*; além disso, encontramos na bibliografia deste estudo uma entrada para *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo*.

Mesmo que estes sinais sejam pouco explícitos, são muitos, e se combinam para reforçar a hipótese de que *Os parceiros do Rio Bonito* dialoga com os trabalhos de Mário de Andrade sobre o folclore. Mas se há diálogo, há também divergências. Quando os dois estudiosos explicitam a maneira como buscam se aproximar de seu material, vêm à tona diferenças significativas entre as duas abordagens. Em “Samba rural paulista”, Mario se diz “amador” do folclore, trabalhando “sem preocupações científicas”. Prossegue:

Com minhas colheitas e estudos mais ou menos amadorísticos, só tive em mira conhecer com intimidade a minha gente e proporcionar a poetas e músicos documentação popular mais farta em que se inspirassem. (ANDRADE, 1965, p. 145)

Por outro lado, e como vimos, Candido se dedica a reconstruir a cultura caipira justamente através de métodos científicos, tais como estes se definiam na pesquisa acadêmica em Ciências Sociais em São Paulo nos anos 50. Ao mesmo tempo, não define seu objeto em termos de folclore, nem pensa na cultura caipira como um material que pode se oferecer à elaboração artística culta.

A riqueza de referências literárias que encontramos em *Parceiros do Rio Bonito* é pouco comum em pesquisas na área das Ciências Sociais. Com efeito, boa parte da argumentação de Antonio Candido neste livro pode ser compreendida como uma resposta crítica a representações culturais que devem muito à literatura, como a narrativa épica da expansão bandeirante, a sátira preconceituosa do Jeca Tatu, ou o interesse de Mário de Andrade na música popular como matéria para a arte culta. Estas ressonâncias para além

do campo estrito da Sociologia parecem dar algum peso às interpretações que ligam este livro à tradição ensaística brasileira, aproximando-o de obras como a de Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda.

Certas observações do próprio Antonio Candido parecem indicar que esta pode ser uma leitura pertinente. Por exemplo no prefácio, já citado, para *A condição de sociólogo*, Candido se refere ao contraste entre ciência e ensaísmo. Elogia Florestan como exemplo máximo da atitude científica, e parece reservar para si mesmo o papel, talvez menos exaltado, de ensaísta:

Foi ele [Florestan Fernandes] quem – pelo exemplo, o ensino e a ação – tornou preponderante e irreversível, aqui, a era científica da sociologia, concebida não apenas como produção de cada um, mas como padrão de trabalho, concepção de vida, ética intelectual e esforço coletivo. Embora sejamos quase da mesma idade (eu, dois anos mais velho) a minha fornada da Faculdade ainda veio com traços fortes de amadorismo e gosto do saber pelo saber. [...] Por isso, era usual que muitos concebessem a sociologia sobretudo como instrumento de visão do mundo e ingrediente para outros interesses (literatura, no meu caso). [...] Depois [de Florestan Fernandes] ficaram impossíveis o amadorismo, o mais-ou-menos e, na escrita, o ensaísmo, que sempre me seduziu. (CANDIDO, 1978, p. XI)

Entretanto, este contraste entre ciência e ensaísmo pode não ser tão simples como à primeira vista parece, principalmente se buscamos apreendê-lo a partir de uma perspectiva favorável ao ensaio, como a de Antonio Candido. Com efeito, neste mesmo parágrafo o autor registra, discretamente, algumas perdas que ocorrem na transição para uma Sociologia em moldes desinteressados: se o amadorismo se torna impossível, também desaparece o conhecimento desinteressado – “o gosto do saber pelo saber” – ao mesmo tempo que os horizontes do sociólogo se estreitam, porque já não há mais espaço para uma “visão do mundo” ou outros interesses, como a literatura. Uma leitura que se articula desde o ponto de vista do ensaísta – deixando em segundo plano a perspectiva do cientista social – traz à tona uma série de subentendidos. Sugere, assim, que o prefácio de Candido para *A condição de sociólogo* deve encerrar a sua dose de ironia.

O contraste entre ciência e ensaísmo subjacente aos comentários de Antonio Candido remete ao bem conhecido texto de Adorno sobre o ensaio como forma.⁹ O eixo da apresentação de Adorno neste texto é, com efeito, o contraste entre ensaio e ciência. No ponto de partida de sua reflexão encontramos contrapostas, de um lado, as objeções ao ensaio formuladas por aqueles que “equacionam conhecimento e ciência organizada” e, do outro, os resultados iluminadores dos ensaios de “Lukács, Kassner e Benjamin”, que se dedicaram à “especulação sobre objetos específicos, pré-formados pela cultura” (ADORNO, 1991, p. 3). Através do diálogo com as várias críticas endereçadas ao ensaio, Adorno desenvolve uma concepção cada vez mais sofisticada desta forma de reflexão e escrita: caracterizado pela liberdade intelectual, pela crítica à abstração e a projetos sistemáticos de conhecimento, o ensaio se interessa por objetos culturais particulares, assumindo o fragmentário e o descontínuo no estilo de exposição; por esta via busca “polarizar o elemento opaco e libertar suas forças latentes” para, enfim, transgredir as ortodoxias do pensamento (ADORNO, 1991, p. 23).

9 Os que cursaram a disciplina Teoria Literária, ministrada por Antonio Candido na Universidade de São Paulo, sabem que o professor costumava incluir um outro ensaio de Adorno entre as leituras obrigatórias, “Discurso sobre lírica e sociedade”. Será útil anotar que este último ensaio foi incluído na primeira coletânea de Adorno com o título de *Notas sobre literatura*, cujo texto de abertura era “O ensaio como forma”. [Ver “Editorial Remarks from the German Edition”, in Adorno’s *Notes* (ADORNO, 1991, p. xiii.)]

Há muito neste ensaio de Adorno que auxilia a compreender *Os parceiros do Rio Bonito* e a obra de Antonio Candido de um modo geral. Com efeito, *Parceiros* se distingue por uma liberdade de movimento notável: lança mão das perspectivas da Antropologia, da Sociologia, e da História, dialogando também com construções culturais que devem bastante à ficção. Principalmente no que diz respeito a sua relação com as narrativas do bandeirismo e a caricatura do caipira, *Parceiros* se aproxima da vocação do ensaio, que, como quer Adorno, visa a efetuar uma “crítica de ideologia” (ADORNO, 1991, p. 18).

Entretanto, *Parceiros* também se distingue da forma do ensaio, tal como esta é vista por Adorno, na medida em que responde às exigências do conhecimento científico acadêmico, construindo uma interpretação coerente e acabada da cultura caipira. A liberdade de movimento de *Parceiros* é, antes, para usar um vocabulário mais recente, uma forma de interdisciplinariedade, que entretanto pressupõe o treino em mais de uma disciplina acadêmica. Vale a pena anotar que encontramos uma outra variedade de abordagem interdisciplinar em *Formação da literatura brasileira* (1959), trabalho provavelmente redigido na mesma época que *Parceiros*. Reconstrução histórica e seletiva dos momentos que levaram à constituição de uma tradição literária brasileira, este livro é também uma discussão teórica de como conceber a literatura como sistema, valendo-se, como se sabe, de perspectivas elaboradas pela Sociologia.

Se agora tomamos a publicação de *Os parceiros do Rio Bonito* em 1964 no contexto da carreira de Antonio Candido, veremos que este livro aparece em um momento de mudança para o autor. Com efeito, na primeira metade dos anos 60, Candido delineia o projeto de uma crítica literária aberta à consideração de elementos na aparência externos ao texto, concentrando seus esforços nesse sentido a partir daí. É como se, ao publicar *Parceiros*, Antonio Candido encerrasse uma fase anterior da carreira. (Por sinal, havia retornado à Universidade de São Paulo desde 1961, como professor colaborador em Teoria Literária.) Mais ou menos na mesma época em que *Parceiros* sai como livro, aparecem também as coletâneas de ensaio *Tese e antítese* (1964) e *Literatura e sociedade* (1965). Deste momento em diante, Candido trabalhará de preferência com a forma do ensaio: escolhe um texto literário como foco para a reflexão, mas desdobra leituras cheias de nuance, que se estendem para além do campo estrito da literatura.

Como se sabe, esta nova direção de trabalho é delineada em “Crítica e sociologia”, texto que abre a coletânea *Literatura e sociedade* e cuja redação inicial data de 1961. Candido se esforça por distinguir a sua perspectiva daquela de uma sociologia da literatura, “disciplina de cunho científico”, que a seu ver deixa de lado problemas fundamentais para a crítica literária, como a questão do valor estético de uma obra (CANDIDO, 1980, p. 4). Candido articula então o projeto de desfazer “a dicotomia entre fatores internos e externos”, de modo tal que “os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura” para que se entenda “a singularidade e a autonomia da obra” (CANDIDO, 1980, p. 15).

Trinta anos mais tarde, no prefácio de *O Discurso e a cidade* (1993) o autor apresenta os ensaios recolhidos neste livro em termos que retomam e desenvolvem o texto dos anos 60. O princípio organizador desta última coletânea, esclarece, foi a busca de uma “crítica integradora”. Em suas palavras:

Uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre o “social” e o “estético”, ou entre “psicológico” e “estético”, mediante um esforço mais fundo de compreensão do processo que gera a singularidade do texto. (CANDIDO, 1993, p. 10)

Os ensaios de *O discurso e a cidade* exploram textos literários a partir de três perspectivas distintas, de modo a delinear, no conjunto, uma visão múltipla da literatura: a primeira parte enfoca a ficção mimética, nos conhecidos ensaios de Candido sobre romances do século XIX, mas a segunda se volta para direção oposta, tratando de textos do século XX que criam “mundos arbitrários”, enquanto a última parte dedica atenção a obras brasileiras de vários períodos, mas que se distinguem justamente pela capacidade de destoar de seu tempo. Através desta construção prismática, *O discurso e a cidade* mostra a literatura, ao mesmo tempo, como atividade livre de criação de mundos autônomos e como reflexão crítica versando sobre o que lhe é externo. A liberdade de movimento que o crítico vê na literatura espelha a sua própria liberdade ao construir as diversas leituras.

Uma expressão de que Antonio Candido se vale para descrever os textos discutidos na última parte de *O discurso e a cidade* pode ser reaproveitada para apreender a sua obra como um todo, desde *Os parceiros do Rio Bonito* até os ensaios desta última antologia. São “fora do esquadro”, diz o crítico, os textos de Souza Caldas, Bernardo Guimarães, Fontoura Xavier e Mário de Andrade que se propõe a examinar (CANDIDO, 1993, p. 14). Antonio Candido encontrou no ensaio a forma de exposição que lhe permitiu elaborar, a partir dos anos 1960, uma maneira “fora do esquadro” de refletir sobre a literatura e o que parece externo a esta (ou a “pensar fora da caixa”, como muitos dizem hoje no Brasil, sem medo do anglicismo). Por outro lado, as obras que datam dos anos 1950, *Parceiros e Formação*, adotam estratégias de exposição mais sistemáticas e lineares, respondendo predominantemente às normas de disciplinas acadêmicas: Ciências Sociais, em um caso, e História da Literatura, no outro.

Entretanto, como vimos através da discussão de *Os parceiros do Rio Bonito*, também no caso das obras dos anos 1950 a argumentação de Antonio Candido se desdobra em mais de um nível. Em *Parceiros*, a reconstrução metódica e científica da cultura caipira leva ao problema político da reforma agrária, ao mesmo tempo que dialoga de maneira crítica com diversas representações do campo paulista, que detêm bastante autoridade até hoje. Este livro exemplifica um estilo de trabalho acadêmico característico da Universidade de São Paulo em seus melhores momentos na área das Ciências Humanas amplamente concebida. De minha parte, sei que esta maneira de trabalhar sempre me pareceu inspiradora. Ao mesmo tempo flexível e rigoroso, este estilo oferece um caminho para exercer a liberdade intelectual na academia.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *The Essay as Form Notes to Literature*. New York: Columbia University Press, 1991. V. I, p. 3-23.
- ANDRADE, Mário de. O samba rural paulista. In: *Aspectos da Música Brasileira*. São Paulo: Martins, 1965, 143-231. Uma versão reduzida deste texto está incluída na *Antologia do negro brasileiro*, organizada por Édison Carneiro (Ediouro, s.d.).
- CANDIDO, Antonio. *Lembrando Florestan Fernandes*. São Paulo: 1996.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CANDIDO, Antonio. “Prefácio” a *A Condição de sociólogo*, de Florestan Fernandes.

São Paulo: HUCITEC, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: Ensaio*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora Duas Cidades, Editora 34, 2002. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALLETO, Enzo. *Dependency and Development in Latin America*. Berkeley: University of California Press, 1979.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

JACKSON, Luiz Carlos. A tradição esquecida: Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16. Outubro de 2001. V. 47, p. 127-184.

LA FONTAINE, J. S. *The Interpretation of Ritual: Essays in Honour of A. I. Richards*. London: Tavistock Publications, 1972.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus; Editora da UNICAMP, 1986.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para oeste: A influência da bandeira na formação social e política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. *O Brasil no original*. 2. ed. São Paulo: Comissão Cultural da Bandeira, 1937.

RICHARDS, Audrey I. *Hunger and Work in a Savage Tribe*. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1948.

_____. *Land, Labour, and Diet in Northern Rhodesia: An Economic Study of the Bemba Tribe*. London: Oxford University Press, 1951.

SANTOS, Ana Carolina Vila Ramos dos. Uma proposta de leitura: O ‘movimento dialético’ no pensamento de Antonio Candido. *Revista Litteris*, 8. Setembro de 2011. p. 249-267.

WOLF, Eric R.; TARN, Nathaniel. Robert Redfield. In: SILVERMAN, Sydel (Org.) *Totems and Teachers*. Oxford: Rowan and Littlefield, 2004.